



**REFORMAS EDUCACIONAIS E CURRICULARES: ACERVOS  
COMPLEMENTARES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL<sup>i</sup>**

**EDUCATIONAL AND CURRICULAR REFORM: COMPLEMENTARY  
COLLECTIONS IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL**

**RAMOS, Flávia Brocchetto**

Doutorado em Letras pela PUC/RS

Professora no PPGEd na Universidade de Caxias do Sul.

e-mail: [ramos.fb@gmail.com](mailto:ramos.fb@gmail.com)

**VOLMER, Lovani**

Mestrado em Letras pela UNISC/RS

Doutorando em Letras na Universidade de Caxias do Sul e Professor no Curso de

Letras na Universidade FEEVALE

e-mail: [lovaniv@feevale.br](mailto:lovaniv@feevale.br)

**ORSO, Aline Crisleine**

Graduação em Letras pela Universidade de Caxias do Sul

Bolsista FAPREGS

e-mail: [orso.aline@gmail.com](mailto:orso.aline@gmail.com)





## RESUMO

No ano de 2010, a partir de orientação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), deu-se a implementação do Ensino Fundamental de 9 anos. Com essa medida legal, no intuito de atender à criança de 6 anos e ainda de configurar o currículo desses primeiros dois anos, algumas alterações fizeram-se necessárias, tanto no mobiliário quanto no que diz respeito aos materiais didáticos. Nesse sentido, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) enviou às turmas de 1º e 2º anos das escolas públicas um conjunto de obras de cunho paradidático, denominado “acervos complementares”. Este artigo propõe-se, a partir de princípios descritivos, a apresentar as obras do acervo 1, pertencentes à área de Linguagem e Códigos. Tal estudo, oriundo do projeto “Educação, Linguagem e Práticas Leitoras II”, almeja discutir a formação do currículo com a inserção desse material paradidático, a fim de contribuir para o letramento nos anos iniciais da escolarização. O estudo dos textos sinaliza que têm níveis distintos de complexidade, permitindo a leitura autônoma ou mediada, dependendo do nível de cada estudante e que contribuem para a ampliação do currículo escolar.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental - Paradidáticos - Linguagem - Letramento.

## ABSTRACT

*In 2010, based on the orientation of the "Law of Directions and Bases" (LDB), the implementation of the Elementary Education in nine years was held. This legal action has the objective of attending 6 years old children and also set the curriculum of the first two years of schooling. It was necessary to change some items dealing with the furniture and the teaching materials. According to this, the National Plan of Didactic Books (PNLD), has sent to Public Schools (first and second year of Elementary School) a set of support books, which were called complementary collections. This article aims to analyze and discuss some of the peculiarities of these collections in order to show possibilities of their application in literacy in the early years. The study of the texts shows that there are different levels of complexity, allowing the mediated or autonomous reading, depending on each student's level, contributing to the enlargement of the school curriculum.*

**Keywords:** Elementary School – Paradidatics – Language - Literacy.





## 1. INTRODUÇÃO

*Ler é ir ao encontro de algo que está para ser e ninguém sabe ainda o que será...*

(Italo Calvino)

Ao pensar a leitura em um país onde o livro é ainda símbolo de *status*, há que se prever ações que possibilitem o seu acesso aos diferentes segmentos da sociedade. Nesse sentido, o currículo da escola brasileira vem sofrendo alterações, visando à presença desse objeto cultural nas salas de aula e à instrumentalização para a leitura. Ao lado de ajustes sofridos pelos currículos, estão propostas governamentais que pretendem suprir lacunas na formação do estudante e almejam contribuir para qualificar a aprendizagem escolar. Uma dessas ações, implementada em 2010, foi o Ensino Fundamental de 9 anos e a distribuição de acervos complementares, iniciativa do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), dirigida aos dois primeiros anos dessa etapa de ensino.

As universidades, por sua vez, também vêm desenvolvendo ações que visam a contribuir para qualificar a Educação Básica. Nesse sentido, o projeto de pesquisa “Educação, linguagem e práticas leitoras II” (ELP II) analisa objetos culturais contemporâneos e propõe estratégias de ensino para a sua leitura, a fim de auxiliar na formação de leitores autônomos. Uma das frentes do ELP II é o estudo de livros que chegam às escolas públicas brasileiras, como os do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), em especial pela investigação “PNBE/2008 em Caxias do Sul: recepção e usos para o letramento”<sup>ii</sup> e, a partir de 2010, os títulos dos acervos complementares do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), destinados aos estudantes dos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. Tais obras são produto de Políticas Públicas definidas pelo Governo Federal e contribuem para ampliar a abrangência do currículo escolar. A presença de um acervo de obras diversas na sala de aula vem ao encontro da meta de alfabetizar letrando, uma vez que, com os livros mais próximos, o estudante pode manuseá-los, percebendo e vivendo a leitura como uma prática social, que reconfigura o currículo escolar e o modo como determinados aspectos seriam abordados na sala de aula.

Este artigo focaliza obras da área de linguagem de um dos 5 acervos encaminhados às escolas, a fim de discutir potencialidades dos títulos no processo de letramento das crianças. Para tanto, a primeira parte recupera o processo de implementação do livro didático em





escolas públicas brasileira, para, na segunda, caracterizar os acervos complementares do PNLD 2010 e apresentar as 10 obras da área de linguagem do acervo 1.

## 2. COMPREENDENDO O PROCESSO

No Brasil, a definição de “livro didático” deu-se pela primeira vez no Decreto-lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938 – Art. 2. Nessa época, buscou-se desenvolver no país “uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando a um embasamento científico” (FREITAG, 1993, p. 12), que consagrou o termo “livro didático”, entendido até os dias de hoje como sendo o livro adotado na escola, destinado ao ensino, no desenvolvimento das aulas.

Por volta de 1945, via Decreto-lei nº 8.460, o livro didático transformou-se em um produto de mercado muito lucrativo, o que fez surgir uma crescente especulação comercial. A partir de 1976, surgiu explicitamente a vinculação da política governamental do livro didático com a criança carente. Assim como havia programas de assistência social para a distribuição de leite e de merenda escolar, os alunos passaram a receber livro didático (FREITAG, 1993).

Com o intuito de garantir uma política de regulamentação desse manual de modo mais competente e eficaz, o Governo, novamente por meio de Decreto-lei nº 91.542/85, criou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Estabeleceu como meta, então, o atendimento a todos os alunos de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras, com prioridade para Matemática e Comunicação e Expressão.

Em 1996, a Fundação de Assistência ao Educando (FAE) foi extinta e suas atribuições, no que diz respeito ao PNLD, ficaram a cargo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Nesse período, deu-se a produção e a distribuição de livros didáticos de forma contínua e massiva, já que os alunos do Ensino Fundamental passaram a receber manuais de todas as disciplinas.

A partir de 2001, o PNLD atende, de forma gradativa, também aos alunos portadores de deficiência visual através de livros didáticos em Braille e, desde 2004, a estudantes portadores de outras necessidades especiais. Ainda nesse ano, foi implantado o Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM), que estendeu suas ações, de forma progressiva, aos alunos das três séries do Ensino Médio.





A política do livro didático procura estar em consonância com as indicações legais que regulamentam o ensino público. Nesse ínterim, surgiram, em 2010, os acervos complementares para estudantes do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, pois com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394, em 20 de dezembro de 1996, o Ensino Fundamental de 9 anos seria implementado até 2010. Sobre esse mesmo ponto, a Lei nº 11.274 dispõe sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

Cabe salientar que o Ministério de Educação entende que antecipar em um ano o início da escolarização não significa transferir o conteúdo abordado na antiga 1ª série para as crianças que ingressam no atual 1º ano. Busca, na verdade, com a maior permanência do infante no ensino obrigatório, o contato mais efetivo com o mundo letrado, gerando mais oportunidades de aprendizagem.

Essa ampliação, ainda, proporciona a inclusão de parcela significativa da população que encontrava restrição à educação escolar ou que não dispunha de vagas nas instituições públicas de ensino. Aliás, o direito à educação somente se efetiva quando todas as crianças têm “direito ao conhecimento, à formação integral do ser humano e à participação no processo de construção de novos conhecimentos” (BRASIL, 2009a, p. 7).

Assim, para atender a essa nova etapa da escolarização, ocorreram, igualmente, alterações no PNLD. O Programa agora também beneficia os estudantes dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos, de modo que as crianças matriculadas, com faixa etária entre seis e sete anos, recebem um atendimento diferenciado. No 1º ano, cada criança tem um exemplar que foca *Letramento e Alfabetização Linguística* e outro *Alfabetização Matemática*. No 2º ano, recebe uma obra de *Letramento e Alfabetização Linguística* e outro de *Alfabetização Matemática*, além de obras didáticas de Ciências, História e Geografia. A fim de oferecer aos professores e alunos alternativas de trabalho e formas de acesso a conteúdos curriculares, de modo lúdico e instigante, cada turma recebe, para ser alocado na sala de aula, um acervo complementar, constituído por um conjunto de 30 livros paradidáticos. Ressalta-se que os estudantes também recebem obras literárias do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), integradas ao acervo da biblioteca escolar, as quais igualmente contribuem para a formação de um ambiente letrado.





### 3. OS ACERVOS COMPLEMENTARES

As obras que compõem os acervos devem contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e mobilizar conhecimentos nas diferentes áreas do currículo escolar de modo lúdico e instigante, como rege o Edital (BRASIL, 2008). Assim, os 150 livros selecionados pelo PNLD são divididos em cinco acervos com 30 títulos, organizados a partir de três áreas do conhecimento: Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Humanas e Linguagens e Códigos<sup>iii</sup>. Sem descuidar do caráter interdisciplinar, cada grupo de textos contempla pontos específicos, conforme segue:

- Área I, formada por tópicos de **Ciências da Natureza e Matemática**, aborda questões relativas ao meio ambiente, corpo humano, animais mamíferos, outros animais vertebrados, ciclo de vida e sentidos, relações entre seres vivos, geometria, números, grandezas e medidas e tratamento da informação;
- Área II, entendida como **Ciências Humanas**, abrange conhecimentos de tecnologia, história biográfica, epistemologia da história, cultura afro-brasileira, indígena e diversidade, circulação e transportes, o mundo do trabalho, relação sociedade e natureza, noções de escala e diversidade social;
- Área III, de **Linguagens e Códigos**, envolve a apropriação do sistema alfabético de escrita, com foco no desenvolvimento da leitura autônoma, ampliação/ reflexão sobre os significados das palavras, reflexão sobre recursos linguísticos usados para a construção da textualidade, arte e cores, artes visuais: desenho, pintura, escultura e outras linguagens como teatro e música. (BRASIL, 2009b, p. 58).

Para dar lugar a um material de apoio mais coerente com uma prática pedagógica dinâmica, consistente e participativa, as obras são escolhidas a partir de critérios definidos e reestruturados. A avaliação pedagógica, por sua vez, baseia-se na premissa de que as obras auxiliam o docente na efetivação da prática pedagógica. Desse modo, os títulos, considerados paradidáticos, atendem a critérios, como abordar conteúdos curriculares de forma lúdica e articulada, além de veicular um projeto gráfico atraente e compatível com a idade dos alunos. Somados a esses pontos, está a seleção de temáticas de interesse do leitor, apresentadas de forma descontraída, mas sem distorções conceituais.





Esses livros, instrumentos de apoio ao processo de alfabetização e de formação do leitor, de acordo com o Edital PNLD 2010, configuram-se “como obras capazes de colaborar com o processo de ensino-aprendizagem para este nível, especialmente em situações de sala de aula” (BRASIL, 2008, p. 2). Cabe mencionar, ainda, que os títulos do acervo complementar são recebidos dentro de uma caixa colorida, acompanhados de um manual com orientações acerca das obras e uma folha com a lista dos exemplares.

Dos 30 títulos que compõem cada um dos acervos, 11 ou 12<sup>iv</sup> são da área Linguagem e Códigos. Cada exemplar, por sua vez, pertence, em tese, a uma das categorias elencadas no Edital, mas pode ser liberto dessa classificação e desencadear outros processos de significação, como é o caso, por exemplo, de *Só um minutinho*, conto mexicano de Yuyi Morales, selecionado para a área de Ciências da Natureza e Matemática: “A partir da ficção, o livro aborda a sequência numérica de maneira lúdica, no contexto de um tema pouco trabalhado e difícil, que é a ideia de morte.” (BRASIL, 2009b, p. 101). O título é um conto popular de esperteza, em que a protagonista vai driblando a morte (tema recorrente em narrativas populares de diferentes culturas), de modo que poderia pertencer à área de Linguagens e Códigos. Outro modo de se aproximar da narrativa é pela proposta visual, haja vista que a ilustração recupera traços da cultura mexicana, como, por exemplo, os fisionômicos. O texto poderia também ser discutido a partir da área de Ciências Humanas, pois contém forte presença de elementos da culinária e dos costumes do país, revelando um modo peculiar de se pensar a sociedade.

Para dar sequência a essa reflexão, tem-se como referência as obras da área Linguagem e Códigos do acervo 1<sup>v</sup>: *Cores*, Marie Houblon; *Isto não é*, Alejandro Magallanes; *Adedonha, o jogo das palavras*, Arlene Holanda; *Manos malucos*, Texto: Ana Maria Machado, Imagem: Claudius; *Choro e choradeira - risos e risadas*, Texto: Tatiana Belinky, Imagem: Renata Vilanova; *Cadê?*, Guto Lins; *Você sabia?*, Texto: Zuleika de Felice Murrie, Imagem: Rubens Matuck; *Na venda de Vera*, Texto: Hebe Coimbra, Imagem: Graça Lima; *Formiga amiga*, Texto: Bartolomeu Campos de Queiros, Imagem: Elisabeth Teixeira; *Falando pelos cotovelos*, Texto: Lúcia Pimentel Góes, Imagem: Negreiros. As obras desse acervo serão apresentadas respeitando essa sequência, focando sua materialidade e alguns aspectos relativos à constituição do texto verbovisual, a fim de mostrar e discutir





peculiaridades desses produtos culturais que visam a contribuir com as práticas escolares nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental de 9 anos.

*Cores*, de Marie Houblon (2005), é um livro de imagens com dimensões de 22 x 22 cm, formato que favorece o manuseio. A capa, confeccionada em uma gramatura alta, proporciona firmeza ao toque. Suas 48 páginas apresentam fotografias agrupadas pelo predomínio de determinada cor e dados relativos à publicação, como os créditos das imagens. As fotos seguem a sequência: amarelo, azul, verde, vermelho, laranja, rosa, roxo, marrom, preto, cinza, branco e colorido. As imagens que retratam o item “colorido” trazem várias cores mencionadas anteriormente, como o amarelo, o azul, o rosa e o vermelho. Entre as fotos do exemplar estão pessoas trabalhando, paisagens, animais, entre outras, as quais introduzem uma ampla gama de cores e de tonalidades presentes em diversas situações. Por vezes, algumas têm caráter de denúncia, como é o caso da fotografia da página 18, em que aparece um touro com os chifres encostados em um portão de madeira vermelho, provavelmente dentro de uma arena. A denúncia corresponde à prática das touradas realizadas na Espanha, como é possível confirmar através dos créditos da fotografia. A segunda imagem é a da página 19, na qual é possível reconhecer parte do picadeiro de um circo, retratando a presença de uma leoa no momento em que inicia a travessia por um círculo de metal com chamas na parte inferior. A fotografia foi tirada em 1993, no Rio de Janeiro, antes da regulamentação, por meio do Decreto nº 37.913, em 01 de julho de 2005, da Lei nº 3.714, de 21 de novembro de 2001, que proíbe a presença de animais em circos no referido Estado. Ressalta-se que o livro foi publicado em 2003, na França, sob o título *De quelles couleurs*, pela editora Tourbillon. O texto do acervo complementar é a segunda reimpressão da obra e data de 2008. É possível dizer que o título contribui para a expansão do conhecimento de mundo das crianças, por meio de fotografias que ilustram a realidade em diversos países.

Outra obra pertencente ao Acervo 1 é escrita e ilustrada por um mexicano. *Isto não é*, de Alejandro Magallanes (2008), é um livro pequeno (formato quadrado, de 19 x 19 cm), assim como os prováveis estudantes do 1º e 2º anos. A materialidade do objeto facilita o manuseio pelas crianças, que agora ingressam na escola com seis anos, e cujas mãos, ainda pequenas, estão em processo de desenvolvimento da motricidade fina. A gramatura do papel,







tanto da capa quanto do miolo, é relativamente alta, tornando-o mais resistente e auxiliando no manuseio.

As 48 páginas do exemplar alternam imagens e palavras e desafiam o leitor na criação de hipóteses para o que será posto ao virar a página. A proposta verbal dá-se por meio do agrupamento de frases, de duas em duas, para a construção do sentido. Na verdade, o sentido é construído sempre por dois pares de páginas, de modo que, no primeiro, palavra e visualidade divergem acerca de algo, como, por exemplo, a ilustração mostra a imagem de um grampeador e a palavra informa: “Isto não é um grampeador”; no par seguinte, a imagem do grampeador sofre intervenção do ilustrador e apresenta-se como outro ser, nesse caso, uma baleia. Nessas páginas, a palavra confirma: “É uma baleia” (MAGALLANES, 2008, p. 26-27 e p. 28-29).

O título desafia a imaginação do leitor. O uso dos objetos é desvirtuado, o autor/ilustrador propõe outra significação, surpreendendo o leitor. A motivação fica por conta da afirmação “isto não é”, que ocasiona a atribuição de novas significações para os diversos objetos apresentados. As imagens são bastante criativas, e o livro encerra-se no momento em que o ápice do sentimento de fascinação da criança acontece e um grampo de cabelo já não é mais visto como tal, mas como “um casal de namorados” (p. 44 e 45).

A proposta lúdica está presente também em *Adedonha, o jogo das palavras*, de Arlene Holanda, ao proporcionar ao leitor o contato com as letras do alfabeto. O formato do exemplar (20,5 x 27,5 cm) lembra as antigas cartilhas. Em papel *off-set*, as folhas do livro pouco estimulam o senso tátil da criança e, por possuírem uma gramatura mais densa que a usual, podem dificultar o manuseio.

Com um total de 80 páginas numeradas, o exemplar é dividido em seções. A obra apresenta inicialmente um sumário. Em seguida, a primeira parte, que começa na página 6 e estende-se até a 57, traz as letras do alfabeto e várias palavras e imagens que as exemplificam. Depois, entre as páginas 58 e 64, está o glossário; da página 65 a 69, há uma relação de termos, separados em boxes e em ordem alfabética, informando a correspondência entre imagem e palavra. A partir da 70, encontram-se a lista de créditos e o glossário de imagens do livro, que vai até a 75. Entre as páginas 76 a 78, estão sugestões de atividades, referendando o





caráter didático do título. Na penúltima página, são explicadas as regras do jogo adedonha, que nomeia o livro. Por fim, o exemplar traz os dados da autora.

O livro proporciona o contato com diversos termos cuja escrita inicia com as letras recentemente incorporadas ao nosso alfabeto: K, W e Y, como “king”, “kiwi”, “kart”, “ketchup”, “karatê”, “kung fu”, “karaokê” e “Kaká”; “website”, “windsurf”, “walkman”. As imagens variam – gravuras, desenhos, fotografia de pessoas e de paisagens, reproduções de obras de arte, como quadros e esculturas, entre outros –, o que colabora com a expansão do conhecimento dos estudantes, ampliando o seu universo vocabular e cultural.

A quarta obra do acervo apresentada neste estudo é de uma escritora brasileira reconhecida nacional e internacionalmente no universo da literatura infantil e infanto-juvenil. *Manos malucos*, escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Claudius, tem formato prático para manuseio, 20,5x21 cm, apresenta 48 páginas numeradas e foi confeccionado com papel resistente na capa e gramatura média no miolo. O cunho paradidático do texto proporciona, de forma divertida, o contato da criança com alguns aspectos relativos a parônimos e homônimos, focalizando distintos sentidos assumidos por uma mesma palavra, aspecto provavelmente já percebido pelo estudante e que pode lhe ter gerado inquietações. Embora haja sinopse na contracapa, contextualizando a obra, esta não esclarece sua dinâmica, não orientando o leitor para a proposta do texto.

Percebe-se, no decorrer da obra, a sutileza da linguagem verbal, que emprega um mecanismo de substituição, mostrando um mesmo vocábulo utilizado em situações diferentes, com sentidos distintos. É o caso, por exemplo, da palavra “bomba”, ligada a três situações: a primeira refere-se à “elétrica e [que] puxa água do chão”; a segunda, “explode com força na festa de São João”; e a terceira, “é verdadeira delícia de creme ou de chocolate”. Os objetos referidos são, respectivamente, um aparelho mecânico, um artifício explosivo e uma guloseima. A obra apresenta os vários sentidos que um mesmo termo pode veicular, alertando o leitor a respeito da polissemia como um traço inerente à linguagem verbal.

Há situações em que a ilustração ajuda no entendimento da palavra, como na página 24, cujo texto diz: “Uma irmã voa no céu com pardal ou gavião.”, “Outra leva pra cadeia quem matar ou for ladrão.”, “E a outra, se alguém tem dor, de machucado ou de amor, aperta meu coração.” No decorrer da leitura, entende-se que o termo “irmãs”, nessa obra, é





empregado como sinônimo de palavras com mesma grafia, mas com sentidos distintos (homônimas).

O tom lúdico expresso por apresentar os diversos sentidos de uma palavra agora se centraliza em duas formas de expressão humanas: o choro e o riso. A quadra presente na cultura popular é a modalidade discursiva eleita para compor o texto verbal de *Choro e choradeira - risos e risadas*, escrito por Tatiana Belinky e ilustrado por Renata Vilanova. O exemplar de 32 páginas, com formato quadrado medindo 21 cm, por meio de situações engraçadas, defende que o rir e o chorar estão presentes no cotidiano. Abre o livro a quadra “Quando o bebê chora / Tem boa razão / Mamadeira cheia / É uma solução” (p. 4). O projeto gráfico, contudo, é frágil: a gramatura das páginas é leve, e na ilustração não predominam traços artísticos. A proposta verbal das quadras atualiza o modo como a criança vai se apropriando do sentido de certos vocábulos, pois em princípio entende que cada coisa tem um nome e ao se deparar com o mesmo vocábulo sendo empregado para mais de um ser provoca certa inquietude.

Brincadeiras com a linguagem estão diretamente associadas à infância, seja por meio de cantigas de ninar, dos brincos, das parlendas. *Cadê?*, de Guto Lins (2008), é uma releitura da parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?”, presente no folclore brasileiro. A obra de Lins é construída por meio de pergunta: “Cadê o ratinho que estava aqui?” (LINS, 2008, p. 5). Na sequência, surge o gato, o cachorro, o dono, o peixe e assim por diante, até chegar ao desfecho em que o rato rói o queijo. “E o ratinho foi por aqui, por aqui, por aqui.....”, relembrando a brincadeira antiga em que se toca no corpo da criança, fazendo-lhe cócegas (na parlenda do folclore brasileiro, além do jogo de perguntas e respostas, o texto culmina com o toque na criança, quando se percorre com os dedos no corpo dos pequenos o caminho da missa que se acabou.). A proposta do livro dialoga com o leitor iniciante e, ao atualizar a cultura popular, valoriza-a e contribui para a sua manutenção. A presença de personagens do imaginário infantil e a simplicidade da ilustração com a predominância de contorno preto e de cores distintas dentro e fora dos desenhos aproximam a obra do estudante de 6 anos. Aponta-se ainda o humor discreto tanto no texto verbal como no visual, aspecto que dialoga com os interesses do leitor.





*Você sabia? Nomes populares dos animais da fauna brasileira de A a Z* assume o tom de cartilha, já presente em *Adedonha*, mas tendo como foco o nome de animais da fauna brasileira. O livro escrito por Zuleika de Felice Murrie e ilustrado com aquarelas de Rubens Matuck apresenta ao estudante, em ordem alfabética, animais como anta, cavalo-marinho, doninha-amazônica, entre outros. Para cada animal são destinadas quatro páginas: na primeira e segunda, estão grafadas uma adivinha e várias formas de registro da letra inicial do termo a ser explorado. No par de páginas seguinte (páginas 3 e 4), há uma ilustração em aquarela do animal, enquanto na última página do conjunto está a resposta da indagação posta inicialmente acerca de cada animal, seguida de quatro modos de escrever o termo (maiúsculas, as letras maiúsculas e separadas individualmente, separando as sílabas do vocábulo e, por último, usando a letra cursiva). Na parte inferior da página, encontram-se informações relativas à caracterização do animal. Predomina, pois, no exemplar o caráter informativo.

O tom poético deste acervo é dado pela obra *Na venda de Vera e Formiga amiga*. A exploração de determinados fonemas por meio da aliteração é um traço presente em *Na venda de Vera*, escrito por Hebe Coimbra e ilustrado por Graça Lima, pertencente à coleção Tirando de Letra. A capa do exemplar, cuja gramatura é densa e plastificada, tem orelhas que ajudam na proteção e manuseio do livro. Aliás, tanto a palavra como a ilustração qualificam a proposta do título, que enfatizam a exploração do som do /v/. A leitura do exemplar pode se centrar apenas na visualidade, que contempla múltiplos elementos anunciados pela palavra. A obra inicia dizendo: “Vera vivia na venda, vendendo vela, vasilha, veludo, disco voador, vassoura. Vinho, viola, vitrola e ventilador.” (COIMBRA, 2008, p. 5-7). A fantasia está presente no título: Vera vendia vidros de vento: “- Vendo vento veloz, vento leve e vento bravo! – anunciava sua voz, e ninguém acreditava...” (COIMBRA, 2008, p. 9). A ludicidade da palavra, que explora a aliteração, bem como a liberdade veiculada na visualidade conferem à obra uma proposta artística que contribui para a interação da criança com o título, cujo tipo gráfico vale-se sempre da letra maiúscula, aspecto que dirige o texto ao estudante que ainda não está familiarizado com outros modos de registro das letras.

*Formiga amiga*, escrito por Bartolomeu Campos de Queirós e ilustrado por Elisabeth Teixeira, assume um cunho narrativo ao contar a história da formiga Dulce sem deixar de





priorizar o tom melódico, próprio da poesia inerente à produção do escritor. O narrador em primeira pessoa assume a perspectiva da criança ao contar que tem uma formiga como animal de estimação e revelar as peripécias de Dulce, que circula entre os doces da casa: “Dulce é doceira e também boleira. Ela brinca de se esconder no miolo do bolo e me faz de tolo. E, se o bolo é de mel, Dulce fica meladinha.” (QUEIRÓS, 2008, p. 7). O projeto gráfico é cuidadoso, as ilustrações empregam a técnica aquarela e mostram o narrador como um menino que observa os movimentos de Dulce. Uma moldura na cor rosa e um pequeno quadrado na parte inferior externa das páginas acompanham todas as páginas do miolo do livro, onde está grafado o número da página, dados que revelam um projeto-gráfico cuidadoso.

*Falando pelos cotovelos*, escrito por Lúcia Pimentel Góes e ilustrado por Negreiros, pode ser classificado como uma narrativa. A obra, cujas dimensões são 17 x 24 cm, é de fácil manuseio – seja pelo formato, seja pela gramatura do papel da capa ou pela densidade do *couché* que dá suporte ao miolo. A capa plastificada chama a atenção para a imagem do menino que, tapando a boca com as mãos, visualmente, fala pelos cotovelos, conforme mostram os balões apontados aos cotovelos. Seu aspecto liso torna o toque agradável, e o tom fosco das páginas do miolo colaboram para não refletir a luz, favorecendo a leitura. Em relação à materialidade do objeto, a ausência de orelhas não é vista como um problema, em virtude da densidade do papel. São 32 páginas, numeradas no canto inferior externo.

As ilustrações ocupam as páginas ímpares do livro e, algumas vezes, adentram no espaço das pares, onde está a palavra. A tipografia utilizada na capa difere da usada na parte interna, visto que os objetivos de ambas são diferentes. Enquanto o tipo de letra do título é mais artístico e tem o intuito de despertar o interesse do leitor, a letra usada no miolo, bem como seu tamanho médio, está adequada à leitura.

O enredo, por sua vez, tem como protagonista Rui, um menino – assim como o leitor – que, intrigado com termos e expressões empregados pela avó e pela mãe, imagina como aquilo que escuta seria possível de acontecer, mimetizando o modo como as crianças dotadas de pensamento concreto processam as informações e se relacionam com seu entorno. Por meio dessa história, o leitor tem contato com expressões idiomáticas da língua portuguesa que povoam o idioma, como “estar com a cabeça nas nuvens”, “dar nó na língua”, “falar pelos cotovelos”, “boquinha de siri”, “fome de leão”, para citar alguns exemplos. As ilustrações





limitam-se a retratar literalmente as expressões usadas no texto, não ampliando os sentidos sugeridos pela palavra. O humor permeia a narrativa ao apresentar situações que podem ajudar o leitor iniciante a entender que uma palavra pode ter mais de um sentido, dependendo do contexto onde está sendo empregada.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar na escola um ano antes implica ter contato sistemático com o universo letrado mais cedo e, conseqüentemente, por meio da leitura, ir ao encontro de algo que é desconhecido, mas pode ser acessado. Algo que todos têm o direito de acessar e se apropriar, especialmente porque aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que mediam e transformam as relações humanas. Um aspecto da dimensão didática dessa ação é a preocupação do Edital PNLD 2010, o qual contempla a presença de títulos de caráter paradidático nas salas de aula nesses dois primeiros anos de escolarização. Trata-se de obras pertencentes às áreas de Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Humanas e Linguagens e Códigos, selecionadas para contribuir no desenvolvimento de conteúdos e habilidades nos dois primeiros anos de escolarização, no intuito de desencadear, desde já, o processo de alfabetização.

Os livros apresentados neste estudo têm distintos níveis de complexidade, permitindo a leitura autônoma ou mediada, dependendo da habilidade leitora de cada estudante. Há texto, por exemplo, em que a presença da palavra é restrita, como *Cadê?* e *Isto não é*, de modo que o leitor iniciante possa lê-lo, mas há também obras mais extensas, que pressupõem a mediação docente na oralização do texto ou um leitor com fluência de leitura, como *Falando pelos cotovelos*.

O caráter paradidático, por sua vez, revela-se explicitamente pela proposta de cartilha, em *Adedonha e Você sabia?*, cuja intenção é apresentar o alfabeto e mostrar seu uso, porém a partir de palavras que podem ser empregadas na brincadeira ou de textos que revelem peculiaridades dos animais brasileiros. Nos dois casos, o estudo do alfabeto está contextualizado, ampliando os conhecimentos dos alunos e suas experiências de letramento – aspectos esperados na implementação do currículo escolar. Ainda sobre o estudo do alfabeto, as obras *Na venda de Vera* e *Formiga amiga* retomam intencionalmente o registro





grafofônico de algumas letras, mas empregando recursos poéticos – presentes na infância e na poesia – por meio da aliteração, como uma brincadeira feita com a linguagem.

Analisando a composição do acervo na área de Língua Portuguesa, foi possível observar quatro aspectos: a) a contribuição para a aprendizagem das letras do alfabeto e também sobre a correspondência grafofônica; b) brincadeiras com palavras por meio de rimas e outras questões do domínio da sonoridade, como semelhanças gráficas e sonoras; c) textos que exploram formação de palavras e/ou os vários sentidos que um termo pode assumir; e, por último, d) obras que apresentam recursos linguísticos empregados para efetivar a textualidade, como, por exemplo, onomatopeia, textos cumulativos, repetição de palavra ou frases (BRASIL, 2009b, 46-47), assim como o contato com diversos gêneros em situações de uso: parlenda, adivinha, poesia, textos de caráter informativo e pequenas narrativas.

Essas obras, apesar de algumas restrições impostas pela sua materialidade, ampliam a concepção de currículo dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Mais do que subsidiar o desenvolvimento de conteúdos atinentes às áreas, a presença de livros na sala de aula, além de possibilitar a formação de uma minibiblioteca, permite, desde cedo, a interação entre a criança e o objeto livro, contribuindo para formar o hábito de leitura. Mesmo que haja obras cuja proposta seja bastante simples, há textos com múltiplas possibilidades de entrada; o importante é que os títulos, de fato, estejam na classe e sejam manuseados, tanto pelas crianças como pelo professor, para que cumpram a função proposta pelo Edital.

Entende-se que a presença dessas obras na sala de aula amplia as referências culturais dos alunos e contribui para aprofundar as práticas de letramento, como orienta o Edital (2008, p. 15). Na verdade, vislumbra-se a possibilidade de as crianças, já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, vivenciar experiências significativas de leitura autônoma ou mediada pelo professor, além de ampliar as suas referências culturais, estéticas e éticas, colaborando para a reflexão sobre a realidade, sobre si mesmo e sobre o outro, especialmente em um contexto em que a maioria das crianças vai conviver em um ambiente letrado somente na escola.

Os títulos da área Linguagem e Códigos que compõem o acervo 1 possibilitam à criança ampliar suas referências culturais nas diferentes áreas do conhecimento e auxiliam no aprofundamento de práticas de letramento. Além disso, ao antecipar experiências e expectativas, contribuem para a abertura do campo do imaginário, permitindo ao leitor





decifrar sua própria experiência; o leitor significa o texto e o texto revela o leitor. Nesse sentido, os títulos contribuem tanto para a apropriação do sistema alfabético, para o desenvolvimento das estratégias de leitura compreensiva e para a aprendizagem de conteúdos das diferentes áreas do conhecimento, como também facilitam ao aluno o reconhecimento do mundo e dos outros, auxiliando, desde cedo, no seu próprio reconhecimento diante do mundo.

## REFERÊNCIAS

BELINKY, T. **Choro e choradeira - risos e risadas**. Il. Renata Vilanova. 4. ed. São Paulo: Evoluir, 2008.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez 1996. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 16 dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **Lei 11.274**, 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 de fev.2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm)> Acesso em: 16 dez. 2010

\_\_\_\_\_. **DECRETO N.º 91.542/85**. Institui o Programa Nacional do Livro Didático. (1985). Disponível em [http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/01/index.php?option=com\\_content&view=article&id=39:decreto-no-91542-de-190885&catid=20:legislacao&Itemid=31](http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/01/index.php?option=com_content&view=article&id=39:decreto-no-91542-de-190885&catid=20:legislacao&Itemid=31)

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos**: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Francisca Izabel Pereira Maciel, Mônica Correia Baptista e Sara Mourão Monteiro (orgs.). Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009a, 122 p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Acervos complementares: as áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2009b, 112p.

BRASIL. **EDITAL de Convocação para Inscrição no Processo de Avaliação e Seleção de Obras Complementares para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2010. 2008**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/arq-livro-didatico/1910-editalpnld2010obrascomplementarespublicadoconsolidado/download>> Acesso em: 26 out. 2010

\_\_\_\_\_. PROGRAMA Nacional Livro Didático. **LISTA de Acervos de Obras Complementares**. 2009. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/arq-livro->







didatico/1909-editalpnld2010obrascomplementaresobraselecionadas/download> Acesso em: 31 ago. 2010

COIMBRA, H. **Na venda de Vera**. II. Graça Lima. Rio de Janeiro: Manati, 2008.

FREITAG, B. *et al.* **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1993.

GÓES, L. P. **Falando pelos cotovelos**. II. Negreiros. 3. ed. São Paulo: Richmond, 2007.

HOLANDA, A. **Adedonha, o jogo das palavras**. Brasília: Conhecimento, 2008.

HOUBLON, M. **Cores**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

LINS, G. **Cadê?**. São Paulo: Globo, 2008.

MACHADO, A. M. **Manos malucos**. II. Claudius. 3. Ed. São Paulo: Salamandra, 2005.

MAGALLANES, A. **Isto não é**. Trad. Heitor F. Mello. São Paulo: Comboio de Corda, 2008.

MORALES, Y. **Só um minutinho**. São Paulo: FTD, 2006.

MURRIE, Z. de F. **Você sabia?** Nomes populares dos animais da fauna brasileira de A a Z. II. Rubens Matuck. São Paulo: Biruta, 2008.

QUEIRÓS, B. C. de. **Formiga amiga**. II. Elisabeth Teixeira. São Paulo: Uno, 2008.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Decreto nº 37.913**, de 01 de julho de 2005. Regulamenta o Art. 4º da Lei nº 3.714, de 21 de novembro de 2001, que proíbe a participação de animais em espetáculos circenses no estado do Rio de Janeiro, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.cbmerj.rj.gov.br/legislacoes/Decretos\\_Estaduais/Dec\\_Est\\_N\\_37913.pdf](http://www.cbmerj.rj.gov.br/legislacoes/Decretos_Estaduais/Dec_Est_N_37913.pdf)> Acesso em: 15 jan. 2011

<sup>i</sup> A pesquisa é desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 02/2010 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

<sup>ii</sup> Projeto de pós-doutorado realizado por Flávia Brocchetto Ramos, sob orientação de Aparecida Paiva, na FaE/UFMG.

<sup>iii</sup> O conjunto de títulos que compõem o acervo pode ser acessado no endereço <http://www.fnde.gov.br/index.php/arq-livro-didatico/1909-editalpnld2010obrascomplementaresobraselecionadas/download>

<sup>iv</sup> Os acervos 1 e 2 possuem onze obras cada um, e os acervos 3, 4 e 5, doze títulos dessa área.

<sup>v</sup> Embora o PNLd tenha divulgado uma relação de títulos para cada um dos acervos, percebe-se que em algumas escolas há pequenas alterações nos títulos que compõem cada acervo. Para este estudo, tomou-se como base o acervo A, recebido por uma escola municipal de Caxias do Sul. No portal do MEC, consta que a obra *Para olhar e olhar de novo*, de Eliana Pougy também pertence a esse grupo, porém não estava na caixa, nem mesmo citada na lista de títulos que acompanha a caixa dos exemplares.

**Submetido: 11.7.11**  
**Aceito: 6.10.11**

